

190

IRAÍ

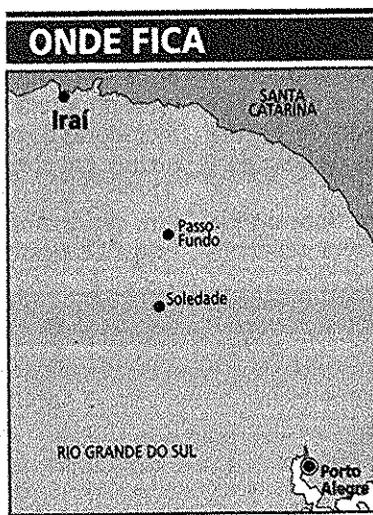
# Índios caingangues tomam como reféns dois funcionários da Funai

*O chefe do posto da fundação e um enfermeiro são mantidos presos*

CLAUDIO MEDAGLIA JR.  
Casa Zero Hora/Passo Fundo

Iraí – Às 9h de ontem, um grupo de índios caingangues tomou dois funcionários do escritório da Fundação Nacional do Índio (Funai), em Iraí, como reféns. Impedidos de deixar o local – distante cerca de cinco quilômetros da cidade –, o chefe do posto, José Altair Loureiro de Mello, 46 anos, e o auxiliar de enfermagem Valderico Ferreira, 48 anos, iriam passar a noite acomodados em duas cadeiras à espera da chegada do superintendente regional do órgão, Glênio Alvarez, prevista para a manhã de hoje. Os índios, comandados pelo cacique Augusto da Silva, exigem a presença de Alvarez para formalizar denúncia contra Mello, que teria deixado de dar socorro médico a um integrante daquela comunidade durante o fim de semana. Eles querem ainda o afastamento do chefe do posto.

Segundo relato de Mello, feito por telefone ontem à tarde, 12 indígenas chegaram ao local uma hora depois da abertura do posto. Eles pediram a chave de um Fusca usado pela equipe para se deslocar e anunciaram o seqüestro. O motivo teria sido um acidente de bicicleta ocorrido com um dos integrantes da co-



munidade no domingo, quando Mello estava de folga.

– Eles disseram que nós não prestamos atendimento médico, mas foi somente um arranhão na testa, e o índio foi medicado no próprio ambulatório que temos aqui – explicou o chefe do posto.

Funcionário da Funai há 25 anos, Mello está desde 1991 no posto de Iraí. Ferreira trabalha no local há quatro anos. Conforme a dupla, essa é a primeira vez que ocorre algum tipo de desentendimento entre a equipe local e os índios. Os caingangues ainda reclamam de outros problemas enfrentados pela comunidade.

Mello disse que o encaminha-

mento dos processos de aposentadoria dos índios vem sendo dificultado pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que só aceita a comprovação da idade mediante a apresentação de uma certidão de nascimento civil. Os registros, garante o chefe do posto, sempre foram feitos pela Funai. Além disso, os recursos do auxílio-maternidade também não têm sido liberados, embora a documentação tenha sido providenciada e protocolada pelo órgão de defesa indígena.

– Ainda não entendemos direito o que está acontecendo. Agora estamos sitiados, impedidos de voltar para nossas famílias – disse Mello ontem.

Indignado, o superintendente da Funai classificou a atitude adotada pelos índios como “arbitrária, incoerente e de uma violência descabida”.

– Os funcionários do posto foram seqüestrados e mantidos em cárcere privado. Os caingangues resolveram prender primeiro e denunciar depois – criticou Alvarez.

O representante do órgão assegurou que toda e qualquer denúncia será sempre apurada, mas deixou claro que a postura dos índios também será analisada de forma dura.

– Isso não pode acontecer assim – disse.